

O bairro do Traviú: origem da denominação “Terra da Uva” para o município de Jundiá

André Munhoz de Argollo Ferrão¹
Luci Mehry Martins Braga²



Patrimônio
Cultural

Resumo

Neste trabalho pretende-se apresentar os resultados preliminares de uma pesquisa sobre o patrimônio cultural existente no bairro do Traviú, vinculado ao cultivo da uva e à produção de vinho, a partir do estudo sobre a existência de uma arquitetura rural bastante específica ao processo de produção de uva e vinho. A pesquisa tem como enfoque o reconhecimento e a valorização da paisagem cultural, visando à preservação dos recursos patrimoniais e à reativação sócio-econômica do bairro. Trata-se de estudo com base no enfoque transdisciplinar e na visão de processos, de acordo com o “Método de Pesquisa Orientada a Processos”.

Palavras-chave: Patrimônio cultural. Arquitetura rural. Paisagem cultural.

The neighborhood of the Traviú: the origin of the denomination “Land of the Grape” for the city of Jundiá

Abstract

This paper aims to present the preliminary results of a survey on cultural heritage in the neighborhood of Traviú, linked to the cultivation of grapes and production of wine. From the study regarding the existence of a rural architecture truly specific to the production process of grape and wine with focus on the recognition and appreciation of the cultural landscape, seeking the preservation of heritage resources and socio-economic reactivation of the neighborhood. This study is based on transdisciplinary approach and process vision, according to the "Process-Oriented Research Method".

Key words: Cultural heritage. Rural architecture. Cultural landscape.

Introdução

A paisagem do bairro do Traviú, localizado no município de Jundiá, Estado de São Paulo, pode ser descrita utilizando-se os conceitos de “Arquitetura Rural” expressos por Argollo Ferrão (2007) com base nos estudos realizados desde a década de 1990 por pesquisadores do Laboratório de Empreendimentos – Labore – da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Unicamp (ARGOLLO FERRÃO, 2004a), pois nele encontram-se os elementos necessários para a discussão que se propõe através de uma lógica clara ao traduzir o território por intermédio dos vetores dos processos culturais e dos processos produtivos (ciência e tecnologia) que co-evoluem gerando na arquitetura rural dessa região uma relação de co-evolução entre processo e espaço da produção –

resultando a conformação do espaço – explicitando a inter-relação entre eles que até então não poderia ser compreendida sem a aplicação desse enfoque.

Utilizou-se neste trabalho a mesma lógica empregada na pesquisa que gerou o livro *Arquitetura do Café* (ARGOLLO FERRÃO, 2004b), que traça a trajetória do café desde sua entrada no estado de São Paulo, pelo Vale do Paraíba, no início do século XIX, até sua migração em direção ao norte do estado do Paraná a partir da segunda metade da década de 1930. A Figura 1 apresenta um esquema que explicita a lógica empregada no presente trabalho.

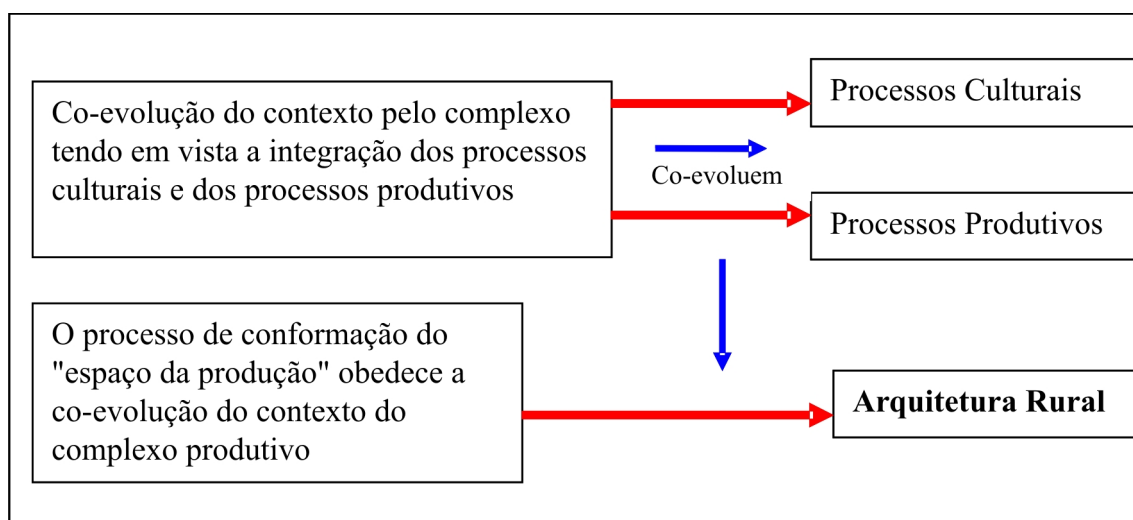


Figura 1. Esquema que explicita o “Método de Pesquisa Orientada a Processos”, empregado em estudos de caracterização da “Arquitetura Rural dentro do Contexto dos Estudos sobre o Patrimônio e Paisagens Culturais” (ARGOLLO FERRÃO, 2004a).

A partir da visão dos processos reconhecidos e explicitados ao se estudar a produção de uva e vinho artesanal, preservando-se a coerência e uma atitude transdisciplinar capaz de salientar aspectos essenciais, porém não eminentes nem óbvios, e procurando-se enxergar a arquitetura rural expressa pela lógica dos processos produtivos, chegou-se à caracterização da paisagem cultural de um bairro tradicional, com mais de 100 anos de história, que pode ser traduzido a partir da compreensão de tais processos – óbvios e palpáveis – ao procurar entender a arquitetura da produção agroindustrial (uva e vinho artesanal) pela lógica da co-evolução dos dois vetores apresentados na Figura 1 (o vetor dos processos culturais e o vetor dos processos produtivos). Conforme a co-evolução dos processos culturais e produtivos que se deu no Traviú, a arquitetura também foi mudando, adaptando-se à co-evolução

O bairro do Traviú: origem da denominação “Terra da Uva” para o município de Jundiáí

mencionada, alterando o enfoque rebatido no espaço, traduzindo o patrimônio cultural do bairro.

Há que se descrever a arquitetura rural do bairro do Traviú a partir dos quatro níveis (ou escalas de aproximação) propostos por (ARGOLLO FERRÃO, 2004a), fazendo a construção do contexto em que essa arquitetura foi gerada, organizando-se dentro do espaço de produção, refletindo a mudança dos atores sociais nessa constante co-evolução e, conseqüentemente, sua própria mudança de função. A Figura 2 apresenta esquematicamente os níveis de abordagem da arquitetura rural do bairro Traviú.

Escala de Análise dos Níveis

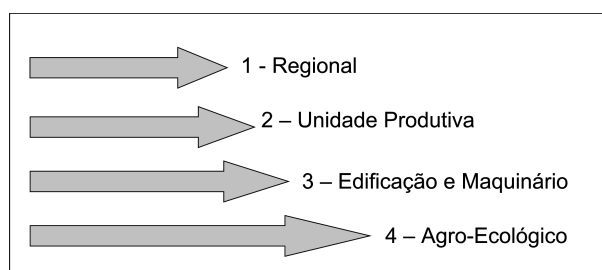


Figura 2 – Níveis de abordagem

Para a compreensão da arquitetura rural no bairro do Traviú, usamos quatro níveis de abordagem, a saber: 1- Regional, 2- Unidade Produtiva, 3- Edificação e Maquinário e 4- Agro-ecológico.

Analisar esses níveis remete à idéia de sistema espacial e sugere que “o conhecimento real de um espaço não se dá pelas ‘relações’, mas pelos ‘processos’ que nele se realizam”, o que remete a idéia de tempo (ARGOLLO FERRÃO, 2007, p.101).

Ao se verificar os quatro níveis (ou escalas de aproximação), pode-se atingir o objetivo de analisar a região através de seus processos produtivos e verificar se os padrões de produção que traçaram o perfil da arquitetura e do patrimônio estabelecido na região são coerentes.

O patrimônio cultural tributário do processo de produção de uva e vinho no bairro do Traviú deve ser reconhecido e respeitado pela população de Jundiaí, pois se confunde com a paisagem que se conformou a partir da cultura local que, por sua vez, traduz o orgulho baseado no pertencimento e na memória da população que lá se instalou, dando referência ao

lugar. Trata-se da constatação da importância cultural do patrimônio e da paisagem e do reconhecimento do seu valor.

Localização

O Traviú localiza-se na zona rural, na região noroeste do município de Jundiá, na bacia do rio Capivari e bacia do rio Jundiá, considerado pela prefeitura como bairro isolado. A Figura 3 apresenta o município de Jundiá e o bairro Traviú. O bairro localiza-se entre a divisa do município, rodovia Bandeirantes, o bairro dos Fernandes e o bairro do Poste.



Figura 3 – Mapa de Jundiá com a localização do bairro Traviú – fornecido pela Secretaria de Planejamento de Jundiá, 03, abril, 2008.

Ao lado da rodovia Anhanguera, tem fácil acesso para o transporte da produção rural que é a força econômica e social do bairro.

Um breve relato histórico do bairro do Traviú

Uma vez que “a arquitetura rural de um determinado país ou região está intimamente vinculada às paisagens culturais que se destacam no território enfocado” (ARGOLLO FERRÃO, 2004a), o presente estudo começa pela apresentação de um breve relato histórico da região que liga fortemente o Traviú à cidade de Jundiá.

Jundiá ganha, graças aos compradores da Fazenda Travihu, italianos imigrantes no final do século XIX, o apelido de “*Terra da Uva*” devido a um prêmio obtido em 1922, na

O bairro do Traviú: origem da denominação “Terra da Uva” para o município de Jundiá

“Exposição Internacional do Rio de Janeiro”, e também ao prêmio obtido na “Exposição Viti-Vinícola do Estado em Jundiáhy”, em 1934, com a uva niagara, da produção local.



Foto 1 – rótulo das caixas de uva - fornecida por Orlando Steck, 2006.

Mas não é apenas por ter determinado o famoso codinome “Terra da Uva” a Jundiá que o bairro do Traviú se torna importante no contexto do município. No processo de sua formação e na maneira como permanece no tempo é que se encontram valor e tradição como aspectos essenciais da paisagem cultural do Traviú.

As famílias italianas que formaram o Traviú chegaram ao Brasil em 1883 e em 1887, vindas da comuna de Romagnano, província de Trento, região do Trentino Alto Adige e da comuna de Masevada Sul Piave, região de Treviso, no Vêneto, respectivamente. O primeiro destino foi a colônia de Saltinho na fazenda Sete Quedas, na região de Campinas, de propriedade do Visconde de Indaiatuba onde viveram como colonos trabalhando nas lavouras de café. Lá permaneceram por dez anos, tempo suficiente para cinco dessas famílias se organizarem e comprarem a Fazenda Traviu – que deu origem ao bairro Traviú.

O valor da compra foi dez contos de reis de entrada e cinco prestações anuais de três contos de reis com juros de 6% ao ano. A legislação sobre imigração no Brasil da época deu condições para que aqueles que fizessem economia pudessem adquirir suas propriedades em um espaço de dez anos. Era o regime de *colonato*:

a preservação da unidade familiar; podiam plantar para sua subsistência em lote à parte pré-determinado pelo fazendeiro ou entre as “ruas” do cafezal e vender o excedente. Essa venda permitia-lhes fazer uma boa economia e poupar dinheiro; recebiam também, em dinheiro, pelo trato do cafezal e pela colheita do café. (SILVA, 2001, p.39).

As famílias pioneiras, formadoras do bairro desde o seu início são: os Carbonari, os Lourenzon, os Tomasetto, os Brunelli e os Steak. As palavras “atarui, atraviu ou traviú, em tupi guarani significa “companheiros de viagem”, outro nome não poderia ser mais coerente a

O bairro do Traviú: origem da denominação “Terra da Uva” para o município de Jundiá

esses italianos” (CANIATO, 1980, p.24). O Traviú reflete a história de imigrantes fortemente organizados desde o seu início, e que não aceitam facilmente intervenções ali que venham a alterar a configuração estabelecida; esses italianos se firmam na região graças à capacidade que tiveram em se unir, constituir famílias e se manterem fortes nas suas tradições e costumes. Primos casam-se entre si e o poder dos moradores do Traviú permanece entre eles e é forte até hoje.

Segundo Silva (2001), no início da ocupação do Traviú, os proprietários dedicavam-se à cultura cafeeira além do cultivo de produtos para a sua subsistência. Por volta de 1897 iniciaram o plantio da uva, primeiramente para fazer vinho, posteriormente começaram a vender o excedente, mais alguns anos arrancaram os cafezais e plantaram somente a uva, alavancando o desenvolvimento sócio-econômico da comunidade.

A cultura da uva, realmente, foi um divisor de águas para esses italianos e para a cultura do lugar: cultivaram a uva Isabel ou uva americana. Essa uva tem origem nos Estados Unidos; ao Brasil ela chegou na década de 1830 pelas mãos do inglês John Rudge e com os imigrantes italianos ganhou terreno no Traviú, tornando-se a principal fonte de subsistência, que com a chegada da Niagara de bagas brancas causa a grande virada da economia das famílias lá estabelecidas. Essa uva sofre uma mutação somática em 1933, em um pé da Niagara Branca, ocasionando transformação na estrutura vitícola paulista: nasceram, entre uvas claras, cachos rosados, no sítio de Antônio Carbonari que, mais tarde, torna-se comendador, condecorado com a medalha “Ordem do Cruzeiro do Sul”, somente concedida a estrangeiros quando tinham realizado uma ação de muito destaque no Brasil.



Antônio Carbonari

Foto 2 – Família Carbonari (1897)
– fornecida por Orlando Steck, 2006.

O interesse pela agricultura e cultivo das vinhas fez com que o município de Jundiá realizasse a Primeira Exposição Vitivinícola de São Paulo. Em 1934, no antigo Mercado Municipal, hoje Centro das Artes, foi realizado pelo governo do então prefeito Dr. Antenor Soares Gandra a exposição das uvas e, simultaneamente, ocorria a Exposição Industrial no Grupo Escolar Conde do Parnaíba.

Os eventos foram de grande sucesso. Jundiá foi invadida por 200.000 visitantes, uma surpresa para uma cidade de 28.000 habitantes. No ano seguinte, em 06/07/1935, foi criado o Sindicato da Indústria do Vinho, formado por 42 associados (BELESSO, 2008).

É nesse cenário de progresso da fazenda Traviú que a comunidade se organiza em sua arquitetura de plantio e religiosidade. Os imigrantes começaram então a construir a capela e, após os anos de pagamento da fazenda, fizeram a divisão das propriedades entre as famílias e iniciaram a construção de suas casas próximas à capela e de maneira a não atrapalhar o processo produtivo. É justamente onde hoje se aglomeram as residências dos descendentes dos fundadores, traçando na implantação a história de sua gente. Como seus antepassados, muitos ainda que no Traviú habitam, vivem da agricultura, que hoje já incorpora outras frutas, mas ainda é a uva a principal delas.

Os primeiros a saírem de lá foram para Indaiatuba, para o bairro de Itaiçi; o segundo grupo foi para São Miguel Arcanjo, mas sempre saem em grupos formando pequenos guetos desses italianos em outros lugares. Quem entra pelo casamento, ainda hoje, tem de se adequar ao regime das famílias, que excluem aqueles que não se adaptam.

O Traviú sempre foi um bairro privilegiado em receber benefícios da prefeitura, foi o primeiro bairro rural em Jundiá a ter iluminação, a ser asfaltado, a ter um posto de saúde, telefone e posto de correio. Isso se deve à união das famílias que, conforme a necessidade, apareciam unidas e reivindicando benfeitorias na região, fazendo com que as condições de planejamento do bairro sempre caminhassem à frente do seu tempo.

Com essa lógica histórica e com a união dessas famílias, encontramos no bairro a tradição e a cultura da uva enraizadas na configuração do território, fazendo a lógica do ordenamento das residências em torno da produção de uva e criando intimidade entre processo produtivo e habitação.

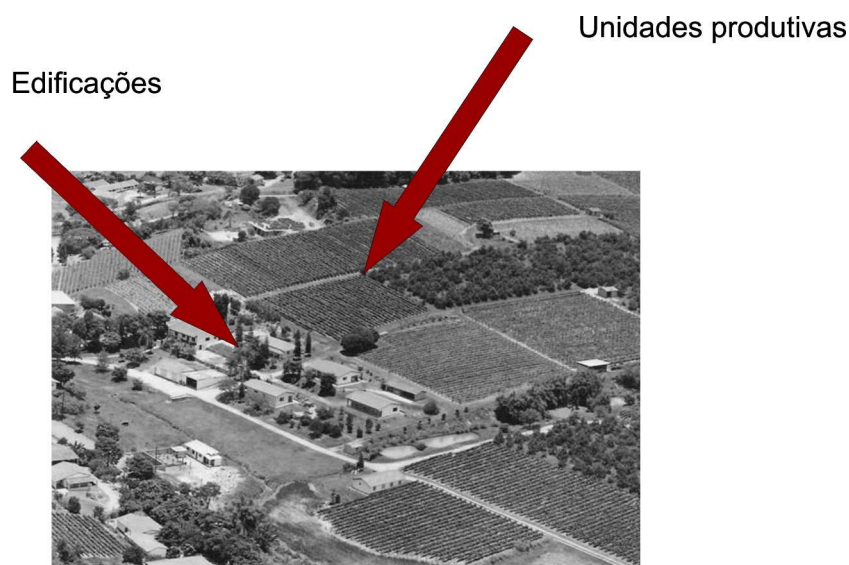


Foto 3 – visão aérea do Traviú (2003) – fornecida por Orlando Steck, 2006.

A paisagem cultural do bairro, com mais de cem anos de história e ligado a rituais das celebrações, saberes transmitidos através de oralidade, imitação de gestos e linguagem própria do lugar, envolve a população, que pensa, elabora e mantém a paisagem.

Considerações Finais

A Arquitetura Rural na região do Traviú se baseia em uma agricultura rica e tecnicizada com um valioso patrimônio cultural de imigrantes italianos que conservaram sua cultura e tradição. Sua arquitetura parece bastante genuína, pois ficou durante todo o período de instalação e consolidação do Traviú ligada ao processo produtivo.

O estudo tem como premissa o patrimônio e a paisagem cultural, como um ambiente geográfico ligado a sua bacia hidrográfica como definição do território, associada aos eventos, as atividades e as personalidades históricas da região, contém os valores estéticos e culturais que definem o Traviú em um bairro com o contexto para o desenvolvimento de empreendimentos sustentáveis no seu patrimônio cultural de engenharia e arquitetura e também da sua valorização com a revitalização sócio-econômica da região.

Referências Bibliográficas

ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. **Arquitetura Rural dentro do Contexto dos Estudos sobre o Patrimônio e Paisagens Culturais**; Relatório de Pesquisa de Pós Doutorado – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, UPC (Universidade politécnica da Catalunha), Barcelona, 2004.

ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. TRANSIÇÃO: No caminho para Indaiatuba, "terras que pertenceram ao Visconde de Indaiatuba". Engenho e, depois Fazenda Sete Quedas. In: ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. **Arquitetura do Café**. Campinas: Unicamp, 2004.

ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. ARQUITETURA RURAL E O ESPAÇO NÃO-URBANO. **Labor & Engenho**: Patrimônio Cultural – Engenharia e Arquitetura, Campinas, GEPCEA – UNICAMP, ed. Arte Escrita, n.1, p.89-108, mar., 2007. Semestral.

CANIATO, Hilário. **O Bairro do Traviú no seu Centenário**. Jundiaí: S.C.P., 1980, p. 24.

SILVA, Nilza Pereira Marques da. As Cadeias Migratórias: Um Estudo Sobre Famílias dos Descendentes de Italianos do Bairro Traviú. **Cadernos do ICH**: Núcleo de Pesquisa, Campinas, v. 1, n. 13, p.32-49, 11 dez. 2001. Anual.

BELESSO INDUSTRIA E COMÉRCIO (Ed.). **Curiosidades**: O Plantio da Uva em Jundiaí. Disponível em: <www.belesso.com/pt/curiosidades.asp#1>. Acesso em: 01 fev. 2008.

¹ Engenheiro Civil, Arquiteto e Urbanista. Professor Livre Docente do Departamento de Recursos Hídricos da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Unicamp. Coordenador do Laboratório de Empreendimentos [Labore/FEC-Unicamp] – argollo@fec.unicamp.br

² Engenheira Sanitarista, Pesquisadora do Labore/FEC-Unicamp – labore@fec.unicamp.br